

A VISITA DO REVOLUCIONÁRIO ERRANTE: CHE GUEVARA NA ARGENTINA E NO BRASIL

Leonardo da Rocha Botega¹

RESUMO:

Entre os dias 5 e 17 de agosto de 1961, reuniu-se em Punta del Este - URU, uma reunião do CIES para debater a Aliança para o Progresso, um programa de assistência ao desenvolvimento da América Latina visando a contenção do comunismo na região.. A figura de maior destaque desta reunião foi Ernesto Che Guevara. Em meio a sua presença no Cone-Sul, os governos da Argentina e do Brasil resolveram convidar o líder revolucionário para visitar os seus países. Tal fato aguçou a polarização ideológica nos dois países, gerando uma crise política de significativa envergadura para os presidentes Arturo Frondizi e Jânio Quadros.

Palavras-chave: Ernesto Che Guevara, governo Arturo Frondizi, governo Jânio Quadros.

ABSTRACT:

Between days 5 and 17 of August of 1961, del was congregated in Punta del Este - URU, a meeting of the CIES to debate the Alliance for the Progress, a program of assistance to the development of Latin America aiming at the containment of the communism in the region. The figure of bigger prominence of this meeting was Ernesto Che Guevara. In way its presence in the Cone-South, the governments of Argentina and Brazil had decided it to invite the revolutionary leader to visit its countries. Such fact sharpened the ideological polarization in the two countries, generating a crisis politics of significant spread for presidents Arturo Frondizi and Jânio Quadros.

Keywords: Ernesto Che Guevara, Arturo Frondizi government, Jânio Quadros government.

Quando os revolucionários cubanos derrubaram o ditador Fulgêncio Batista, em 1º de janeiro de 1959, sem sombra de dúvidas a América Latina passava a viver um momento diferente em seu cenário político. A Revolução Cubana, devido ao forte poder de atração que exerceu sobre a esquerda, trouxe para a América Latina a “sombra” do conflito leste-oeste, principalmente ao definir no período de 1960-1961 o seu caráter

¹ Professor do Colégio Agrícola de Frederico Westphalen/Universidade Federal de Santa Maria. Graduação em História pela Universidade Federal de Santa Maria. Especialização em História do Brasil pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestre em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Santa Maria. Contato: leobotega@brturbo.com.br

socialista.¹ A América Latina se inseria na Guerra-Fria e, no Brasil e na Argentina, o anticomunismo se revigorava tendo Cuba como novo inimigo a ser combatido.

Após a frustrada tentativa dos contra-revolucionários cubanos treinados pela CIA de derrubar o governo revolucionário na Invasão da Baía dos Porcos, o governo Kennedy mudou a estratégia dos EUA para contenção do comunismo e da influência cubana sobre os latino-americanos. A nova estratégia consistia em apoiar líderes políticos favoráveis a reformas sociais dentro da ordem estabelecida, tais como: Rómulo Betancourt, na Venezuela, José Figueres, na Costa Rica, Jânio Quadros, no Brasil e, Arturo Frondizi, na Argentina. Para que tal apoio significasse reciprocidade ou apoio às ações norte-americanas, o presidente Kennedy, partindo da elaboração feita pela Operação Pan Americana de que a miséria causava a subversão, formulou um programa de auxílio ao desenvolvimento da América Latina, intitulado Aliança para o Progresso. O programa foi proposto pelo presidente Kennedy em uma recepção oferecida na Casa Branca, em 13 de março de 1961, aos embaixadores dos países latino-americanos em Washington. Para uma maior discussão da Aliança para o Progresso foi realizada em Punta del Este, no Uruguai, entre os dias 5 e 17 de agosto de 1961, uma reunião extraordinária do Conselho Interamericano de Desenvolvimento Econômico e Social – CIES.

A grande figura desta reunião acabou sendo o Ministro da Indústria de Cuba, Ernesto Che Guevara. Seus discursos foram transformados nos principais eventos da Conferência. Do lado de fora, grupos favoráveis e contrários a Revolução Cubana vindos de diferentes partes da região se manifestavam constantemente. Seus pais, irmãos, amigos e amigas de escola e da universidade vieram da Argentina para vê-lo. Nas ruas do belo balneário uruguaio por onde passava o seu magnetismo era evidente, dos populares até os políticos mais conservadores, todos queriam um aceno, uma foto ou até mesmo trocar algumas palavras com aquele jovem argentino que representava os barbudos que ousavam desafiar a grande potência norte-americana a apenas algumas milhas de seu território.²

Ernesto Che Guevara não somente causou impacto nas ruas e na tribuna de debates de Punta del Este, mas também, as suas passagens pela Argentina e pelo Brasil

geraram controvérsias com intensas manifestações de apoiadores da Revolução Cubana e dos anticomunistas. A própria polarização política daqueles países propiciava um campo minado para que tais fatos ocorressem, sobretudo, devido à nova orientação dada as políticas externas pelos presidentes Arturo Frondizi e Jânio Quadros.

No início dos anos 1960, os governos de Jânio Quadros, no Brasil, e de Arturo Frondizi, na Argentina, adotavam políticas externas independentes. Os pontos em comum entre a política externa independente brasileira e a política externa independente argentina consistiam, basicamente, nos princípios de autodeterminação dos povos e de não-intervenção, no desenvolvimentismo, na universalização das relações comerciais, na crítica à deterioração dos termos de troca, no desejo de industrialização e na busca da integração latino-americana. Estes pontos em comum geraram um momento único na história das relações entre os dois países, pois, em nenhum outro momento Brasil e Argentina tiveram tamanha afinidade e unidade de princípios e ações no contexto internacional.³ O auge desta aproximação foi o Encontro de Uruguaiana, realizado nos dias 20, 21 e 22 de abril de 1961.⁴ Entre os pontos debatidos neste encontro estava à questão cubana e a posição que ambos os países iriam adotar na Reunião do CIES. Sobre a questão cubana, tanto o governo Quadros, como o governo Frondizi, tinham a leitura de que este era um conflito bilateral entre os EUA e Cuba e não um conflito hemisférico com o governo norte-americano queria fazer crer. Dessa forma, desde o início das hostilidades entre os revolucionários cubanos e o governo norte-americano, em maio de 1959, o presidente Frondizi propunha para a Argentina a tarefa de mediação do conflito. Tal posicionamento era compartilhado pelo presidente Jânio Quadros quando de sua posse em 1961.⁵ Assim, mesmo apoiando a implantação da Aliança para o Progresso, esta postura de mediação fora a estabelecida para ser adotada por Brasil e Argentina em Punta del Este.

Na Reunião do CIES, apesar dos discursos ofensivos e em tom de denúncia, a postura do ministro Guevara não foi de forma alguma intransigente. Mesmo não tendo subscrito a Carta de Punta del Este por não concordar com seus princípios, declarou que não desejava o fracasso da Aliança para o Progresso. Esta postura reforçou a proposta de mediação de Frondizi e Quadros. Ao mesmo tempo, conforme Moniz Bandeira,

“animou um membro da delegação argentina, Horácio Rodríguez Larreta, o assessor do chanceler Adolfo Mujica, e o embaixador brasileiro Edmundo Barbosa da Silva, ao término da Conferência, a ensejarem um encontro seu com Richard Goodwin, assistente especial do presidente Kennedy” (MONIZ BANDEIRA, 1998. P. 319).⁶

Na madrugada de 17 para 18 de agosto de 1961, na casa do chefe da delegação brasileira junto a ALALC, ocorreu o encontro. Em tom irônico, demonstrando seu famoso senso de humor, Ernesto Guevara iniciou a conversa agradecendo ao governo norte-americano pela invasão da Baía dos Porcos, que “deu a Cuba uma grande vitória política e transformou um pequeno país agredido em um igual”, ao mesmo tempo, “prometeu, rindo, que o governo Castro não atacaria a base de Guantánamo”. Em um tom mais sério, Guevara falou que a revolução cubana era irreversível, reconheceu as dificuldades econômicas e políticas que o governo cubano estava enfrentando e disse que se dispunha a indenizar as propriedades confiscadas com recursos da exportação. Afirmou também que o governo de Cuba não pretendia cercar o país com uma cortina de ferro, “adotar as mesmas medidas agressivas aplicadas no Leste Europeu, nem estabelecer qualquer aliança política com o Bloco Socialista, apesar de suas naturais simpatias; e convocaria eleições livres, após institucionalizar o partido único” (MONIZ BANDEIRA, 1998. P. 320). Porém, o que chama mais atenção, e é relatado tanto por Moniz Bandeira como por Castañeda, foi à disposição, demonstrada por Che Guevara, do governo cubano em restabelecer o diálogo com o governo dos Estados Unidos, mesmo sobre a base da suspensão das atividades de apoio e treinamento de grupos guerrilheiros feitas por este. Esta última referência feita com certa relutância por estar diante de testemunhas pertencentes ao governo brasileiro e ao governo argentino.

Em seu retorno a Cuba, durante o Programa especial da TV cubana sobre a reunião do CIES transmitido em 23 de agosto de 1961, Che Guevara, daria a seguinte declaração sobre o seu encontro com Goodwin:

En un momento dado Mr. Goodwin dijo que él no representaba ni estaba autorizado para hablar en nombre del gobierno, pero que transmitiría algunas observaciones que hizo Cuba a su gobierno, y Cuba se limitó a decir por mi boca la conocida posición cubana, no?, que nosotros sí estamos dispuestos a conversar, que no tenemos interés en ningún tipo de lucha, que sin embargo, podemos llevar la lucha hasta sus últimas consecuencias, que queremos estar

dentro del régimen latinoamericano, que estamos unidos culturalmente al continente y queremos permanecer dentro de él; y nosotros exigimos nuestro derecho a ser considerados como un país más dentro de Latinoamérica, o dentro de la Organización de Estados Americanos, con una organización social e económica diferente, a mantener nuestro derecho absoluto a tener las amistades que nos plazcan en el mundo entero. En fin, fue un intercambio corto, cortés, frío, como corresponde a dos funcionarios de países oficialmente enemigos, verdad?, pero que no tenía la mayor transcendencia hasta que algún periodista o alguien, algún funcionario parece de la embajada o del gobierno argentino, o algún periodista brasileño, no sé bien sabe cómo fue, le dio la publicidad. Eso es todo (GUEVARA, 2006. P. 94-95).

Em que pese estas afirmações, a conversa com Che Guevara impressionou o assistente especial norte-americano a tal ponto que este propôs ao presidente Kennedy “que não se interrompesse o diálogo ‘subterrâneo’ com Cuba”, pois se o comunista mais convicto do governo revolucionário “se dispunha a pensar na possibilidade de um diálogo com o governo norte-americano, talvez haja outros dirigentes cubanos mais dispostos a um entendimento com os Estados Unidos” (CASTAÑEDA, 2006. P. 272). Mas, o temor do governo norte-americano as repercussões da mudança para uma posição mais flexível por parte dos Estados Unidos poderiam ser negativa, tanto internamente, onde a pressão anticomunista aumentava cada vez mais, quanto na América Latina, onde havia esta mudança poderia levar a um avanço da esquerda na região, não permitiu que a reaproximação acontecesse.

Porém, a conversa entre Che Guevara e Richard Goodwin reforçou o entendimento do governo brasileiro e do governo argentino de que se tratava de um conflito bilateral e que uma mediação entre os Estados Unidos e Cuba não só era possível como também levaria a superação da questão cubana. Com este desejo de atuar como mediador e poder conseguir triunfos diplomáticos que consolidariam a posição de seu partido nas eleições que se realizariam no início do próximo ano, o presidente Frondizi propôs uma conversa com o seu compatriota ministro cubano.⁷

Era para ser secreto, porém...

A preparação para o encontro entre Ernesto Che Guevara e o presidente Frondizi ficou a cargo de Jorge Carlos Carretoni, assessor do Conselho Federal de Investimentos da Argentina. Para que tal encontro ocorresse foram impostas as seguintes condições a Ernesto Che Guevara: *“el traslado se haría bajo responsabilidad del gobierno argentino; no se anunciaría de manera alguna la reunión; y el visitante no hablaría con nadie más que con el Presidente”*(PANELLA,2006. P.2). O caráter secreto da reunião se colocava como uma necessidade no entendimento do presidente Frondizi devido, de um lado, ao aumento da tutela militar sobre o seu governo, sobretudo, com o fortalecimento dos setores anticomunistas na instituição, representados nos generais Iñiguez, Túrolo e Toranzo Montero, este último comandante em chefe do exército argentino, que conspiravam ativamente em favor de um golpe. Por outro lado, havia a preocupação com a própria vida de Che Guevara, preocupação esta compartilhada por este, uma vez que as atitudes dos *gorrilistas*⁸ estavam fugindo ao controle do próprio governo argentino.

Assim, por volta das 10h30 do dia 18 de agosto de 1961, aterrissou no aeroporto Don Torcuato o avião uruguaio CX-AKP trazendo Che Guevara, o seu assessor Ramón Aja Castro e Jorge Carretoni, que foram conduzidos pelos tenentes de fragata, Emilio Filipoch e Fernando Garcia Parra até a residência presidencial de Olivos, onde conversou em trono de uma hora e meia com o presidente Frondizi.

Conforme Albino Gómez,

Guevara se explayó y dijo que Cuba quería permanecer en el sistema interamericano y que tenía la intención de entenderse con los Estados Unidos; pero que ello debía ocurrir de una manera digna.

Afirmó que querían también independizarse de los soviéticos. Aceptó el hecho de que recibían de ellos mucha ayuda y algunas veces, directivas e instrucciones. Pero Cuba quería construir un estado socialista con autonomía absoluta de la Unión Soviética. Respecto de la forma de llegar al socialismo, entendía que no había otro camino para los países chicos y pobres que el de la violencia.

Frondizi le manifestó que aparte de que él no estaba de acuerdo, consideraba que su posición era errónea aun desde el punto de vista teórico comunista.

Cuando le preguntó si había leído mucho sobre teoría marxista, Guevara contestó que no, pero afirmó que de todos modos ellos pensaban que el único camino era el de la violencia.

Reconoció que los fusilamientos no habían dado resultados pues gestaban “héroes” muy especiales: para los del otro bando, los muertos, y para ellos, los

delatores. Dijo además que el reparto de tierra había fracasado porque aparecían jefes indisciplinados que actuaban como caciques con independencia del gobierno central. Pero estaban dispuestos a seguir adelante. Dejó entrever que querían que la Argentina trabajara por la mediación entre Estados Unidos y Cuba.

Frondizi le expuso muy claramente su pensamiento y nuestra política. Le advertió que habíamos tomado un camino distinto y opuesto al de Cuba, y que por esa vía resolveríamos nuestros problemas (GOMEZ, 2004. P. 124-125).⁹

Após a conversa a esposa de Frondizi, senhora Elena Faggionato, convidou Guevara para comer com ela e a filha um bom bife argentino, ao que este aceitou. Posteriormente, mediante a autorização do presidente argentino, visitou sua tia Maria Luisa Guevara de Márquez Castro que se encontrava doente, retornando em seguida a Montevideú, de onde partiu para o Brasil.

O sigilo da conversa entre Frondizi e Guevara não durou 24h e a informação acabou vazando ao longo do dia, fazendo estourar uma grave crise militar que quase levou a um golpe de Estado. O presidente argentino e a intelectualidade da USINA, grupo ligado a Rogélio Frigério¹⁰, já haviam previsto esta possibilidade e ao que parece tinham clareza da dimensão que as repercussões teriam. O que indica a hipótese de que no cálculo dos ganhos políticos, a possibilidade de afirmação do governo argentino como mediador do conflito entre Estados Unidos e Cuba falou mais alto.¹¹ Por sua vez, Castañeda indica que em 1992, Frondizi declarou que John Kennedy havia solicitado a ele que se reunisse com Che Guevara a quem ambos acreditavam ser “um comunista amigo dos Estados Unidos”. Ao mesmo tempo, o autor indica tal possibilidade como uma análise “insólita e duvidosa”, pois, “nada indica que Kennedy pensasse uma coisa semelhante” (CASTAÑEDA, 2006. P.274). Diante de tantas hipóteses e possibilidades, não há uma certeza das razões que fizeram o presidente Frondizi reunir-se com um dos ícones da Revolução Cubana. O certo é que após a reunião tornar-se pública, o governo argentino teve que fazer um verdadeiro malabarismo político para evitar a derrubada do presidente.

Ainda pela manhã do dia 19 de agosto, Frondizi reuniu-se com o chefe de polícia, capitão Recaredo Vázquez, quem o informou sobre os resultados de uma reunião entre os altos chefes da Marinha que haviam definido que o presidente deveria renunciar.

Porém, diante da exposição desta possibilidade pelo comandante do exército, general Raúl Poggi, não houve unanimidade entre de critérios entre os chefes da Marinha e da Aeronáutica. A única opinião que prevaleceu entre todos os chefes das forças armadas consultados era a de que o Ministro das Relações Exteriores, Adolfo Mujica, o subsecretário de Relações Exteriores e o embaixador argentino no Uruguai deveriam deixar os seus cargos e este seria o critério para a continuidade do governo.¹²

Por volta das 20h45, o presidente Frondizi reuniu-se com os secretários e comandantes em chefe das forças armadas. Na ocasião o almirante Gastón Clement manifestou a proposta de criação de uma Junta Militar a quem o presidente deveria consultar em todos os seus atos em matéria de política internacional. O general Raúl Poggi, por sua vez, manifestou que o exército havia perdido a confiança em seu presidente. Outras manifestações dos representantes das forças armadas tiveram o mesmo sentido, ao que o presidente Frondizi, ao manifestar não disposição de renunciar, solicitou que estes aguardassem uma reunião que iria fazer com os membros do governo para tomar as decisões que considerasse cabível.

Durante a madrugada do dia 20 de agosto, o presidente Frondizi reuniu-se em Olivos com Rogelio Frigerio, Carlos Florit, Adolfo Musich, Cecílio Morales, Oscar Camilión e Albino Gómez, onde relatou a conversa que tivera com os representantes das forças armadas e solicitou que, ao mesmo tempo em que fossem tratadas negociações informais com os mesmos, fosse preparado um discurso que faria a nação na noite de 21 de agosto.

Por sua vez, em sua visita ao Brasil, Ernesto Che Guevara declarou que sua conversa com Frondizi foi sobre problemas gerais do continente, recusando-se “a prestar qualquer outra informação, ponderando que ‘cabe ao autor do convite (o presidente Frondizi) falar sobre o assunto’”.¹³

Assim, em 21 de agosto de 1961, o presidente Frondizi pronunciou, por rádio e televisão, o já referido discurso “*La Argentina ante los problemas mundiales*”. Além de demonstrar a visão positiva que o presidente tinha da Aliança para o Progresso o centro do discurso foi esclarecer a população argentina “*el equívoco que ha prevalecido en estos días, con motivo de la audiencia que el presidente da la República concedió al*

ministro de Industria y delegado de la República de Cuba a la Conferencia del Consejo Interamericano Económico y Social realizada en Punta del Este, doctor Ernesto Guevara” (FRONDIZI, 1979. P.213), bem como, a posição do governo argentino em relação a Cuba.

Para introduzir estes dois temas, o presidente Frondizi falou que a Argentina não podia ficar de fora dos problemas mundiais em seguida destacou que

(...) Entre estos problemas el más cadente es quizá el de Cuba. El Gobierno mantiene y mantendrá la posición que ha adoptado con respecto a este país.

El Gobierno de esta Nación hermana emplea procedimientos que los argentino rechazamos categóricamente. Nosotros queremos el desarrollo económico, pero estamos dispuestos a conseguirlo afirmando la libertad, respetando las tradiciones espirituales y asegurando la paz social. Somos y seremos siempre miembros de la comunidad occidental y de la familia americana. Repudiamos la injerencia de potencias extrañas en los asuntos americanos. Esta posición del gobierno argentino es perfectamente conocida por los dirigentes cubanos. Y así se ratifiqué al doctor Guevara. Pero este representante oficial de una nación americana solicitó una entrevista al Presidente de la República Argentina para exponerle la opinión de su gobierno en materia de sus relaciones con el resto del hemisferio. Hubiera sido impropio de la responsabilidad que la propia familia americana le asigna a la Argentina, negarse a recibir al representante de un gobierno americano por más opuestos que sean los criterios sustentados por uno y otro Estado.

Un Nación seria y responsable no debe practicar la política del avestruz, que consiste en eludir los problemas o en pretender ignorarlos. Existe un problema cubano y es obligación de todos los Estados americanos considerarlo y buscar una solución que convenga a la comunidad americana y a sus ideales democráticos. No puede admitirse que América, y cada uno de los países que la constituyen, se desinteresen de la situación de una Nación hermana sujeta a serios diferendos con las demás. La paz y la tranquilidad de América, la preservación del sistema regional interamericano y la estabilidad política de nuestro continente hacen que no pueda ni deba desaprovecharse una sola posibilidad, por mínima que fuera, para que se reafirmen los principios de aquel sistema y su vigencia en todos los países del hemisferio.

Si el representante cubano deseaba discutir con el Presidente argentino ese problema, habríamos faltado a nuestros deberes de gobernantes y de americanos si hubiésemos rehuido el diálogo. Solamente los débiles eluden la confrontación con hombres que no piensan como ellos. Ningunos de los estadistas de las grandes naciones occidentales rehúsan hablar con los dirigentes de los países comunistas. Nosotros no queríamos ser jamás gobernantes de un pueblo que tiene miedo de confrontar sus ideas con otras ideas. El pueblo argentino nunca tuvo miedo en el pasado ni lo tiene ahora. Por el contrario, está absolutamente convencido de que la causa americana, occidental y cristiana es invencible y que Cuba, tarde o temprano, se reintegrará plenamente al son de la familia americana (FRONDIZI, 1979. P.226-228).

Seguindo estas afirmações, Frondizi tratou de referir que era “*la hora de la rivalidad estéril de la guerra fría, estéril porque no da soluciones positivas, ceda su sino a una política dinámica como la expresa en la ‘Alianza para el Progreso’*”. Desta forma, ao mesmo tempo em que buscou justificar seu encontro com Che Guevara, o presidente argentino reafirmou as bases da política externa independente, afirmando a sua posição ocidental, mas não de alinhamento automático, a defesa da autodeterminação dos povos e reafirmando as críticas a lógica da divisão do mundo em dois blocos, opondo esta a necessidade de uma cooperação internacional em favor do desenvolvimento. Ao final do discurso, Frondizi mandou um recado claramente dirigido ao *gorillismo* afirmando que a “*defensa de los ideales democráticos del pueblo argentino no es patrimonio exclusivo de sector alguno*”(FRONDIZI, 1979. P. 129). E terminou fazendo um chamamento a unidade nacional.

As repercussões do discurso de Frondizi não agradaram nem aos seus correligionários mais próximos ligados a USINA como Frigerio, Florit, Musich e Gómez, que entenderam que o presidente havia se defendido e isso poderia ser interpretado como um vazio de poder. Na opinião destes, Frondizi deveria impor-se aos militares e não negociar, como estava fazendo, mostrando uma atitude débil diante do inimigo.¹⁴

Os militares *gorilistas*, por sua vez, seguiam enfurecidos e continuavam tramando um golpe de Estado. A situação nova, porém, era que o embaixador norte-americano, Roy Rubotton, estava estabelecendo contatos com o general Toranzo Montero e os outros conspiradores, ao que o presidente chamou para solicitar esclarecimentos. Assustado com sua situação o embaixador acabou enviando uma carta a um assessor do presidente Kennedy que acabou lhe repreendendo.¹⁵ O que demonstrou que o governo dos Estados Unidos ainda mantinha a sua orientação de apoio aos reformistas, e que a posição positiva do governo argentino em relação à Aliança para o Progresso estava naquele momento acima de qualquer busca de alinhamento automático.

Em Cuba, o ministro Ernesto Guevara, no programa de TV sobre a sua viagem ao Cone-Sul, novamente perguntado sobre o encontro que tivera com o presidente argentino voltou a dizer que somente este tinha autorização para falar sobre a conversa.

Ao mesmo tempo, elogiou a posição do presidente argentino reafirmada em seu discurso do dia 21 de agosto, pois, Cuba não pretende que *“defiendan nuestro sistema social, sino que defiendan todos los pueblos de América nuestro derecho a tener el sistema social que nos parezca, que es lo que el Presidente Frondizi há hecho”*. Terminou a resposta dizendo que também havia se reunido com o presidente uruguaio, Eduardo Victor Haedo, que pertencia ao conservador Partido Nacional (GUEVARA, 2006. P.102).

Por fim, mesmo tendo inicialmente reagido aos militares *gorilistas* e sua tentativa de golpe, o presidente Frondizi optou por ceder às pressões destes e, contrariando ao que pensavam os “intelectuais orgânicos”¹⁶ da USINA, acabou demitindo, em 28 de abril de 1961, o chanceler Adolfo Mujica. Em seu lugar assumiu interinamente o Ministro do Interior, Alfredo R. Vítolo. Posteriormente, em 12 de setembro de 1961, assumiria o cargo Miguel Angel Cárcano.

Foi em público, porém...

Não somente na Argentina a passagem de Ernesto Che Guevara causou impacto político. No Brasil, o presidente Jânio Quadros, para usar uma metáfora de Castañeda, “também seria vítima da maldição do cubano errante” (CASTAÑEDA, 2006. P. 276). Porém, do outro lado da fronteira, a maldição foi mais profunda, pois, diferentemente do presidente argentino, Jânio Quadros optou por realizar um evento de notoriedade pública ao invés da discrição. Esta opção tinha claramente a sentido de buscar reafirmar a política externa independente e cortejar o apoio da esquerda ao seu governo, cujas medidas econômicas pautadas pela ortodoxia monetarista demonstravam-se impopulares. Assim, o ministro Ernesto Che Guevara chegaria ao Brasil às 23h30 do dia 19 de agosto de 1961 para reunir-se com o presidente brasileiro e ser condecorado com a Grã Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul.

Na cerimônia de condecoração, ocorrida entre uma parte e outra da conversa reservada que tiveram Ernesto Guevara e Jânio Quadros, o presidente brasileiro pronunciou as seguintes palavras:

Ministro Guevara: v. exa. manifestou em várias oportunidades o desejo de estreitar relações econômicas e culturais com o governo e povo brasileiro. Esse é o nosso propósito também. E é a deliberação de assumirmos no contato com o governo e o povo cubano. E para manifestar a v. exa., ao governo de Cuba e ao povo cubano, nosso apreço, nosso respeito, entregamos a v. exa. esta alta condecoração do povo e governo brasileiro.¹⁷

Ao que o ministro cubano agradeceu da seguinte forma:

Sr. presidente: como revolucionário, estou profundamente honrado com esta distinção do governo e do povo brasileiro. Porém, não posso considerá-la nunca como uma condecoração pessoal, mas como uma condecoração ao povo e nossa revolução, e assim a comunicarei com as saudações desse povo que v. exa. pessoalmente representa. E a transmitirei com todo o desejo de estreitar as nossas relações (Folha de S. Paulo, 20/08/1961).

Após o termino de sua conversa reservada com o presidente Quadros, Che Guevara colocou-se a disposição dos jornalistas no Palácio do Planalto, concedendo, também, uma entrevista coletiva a imprensa no apartamento que se hospedara no Brasília Palace Hotel. Na primeira ocasião, declarou que sua visita ao presidente brasileiro não tinha objetivos práticos, pois era apenas uma visita cortesia para testemunhar os agradecimentos do governo cubano à atitude do Brasil em Punta del Este. Na segunda entrevista, ao referir-se a Reunião do CIES, declarou que o governo cubano não subscreveu as decisões porque fora excluído da Aliança para o Progresso, mas que vira com simpatia aquela reunião devido ao apoio recebido dos países latino-americanos para Cuba manter a sua posição de república americana. Para isso, “a atitude do Brasil e também de outros países puderam evitar aquelas agressões pesadas e as tentativas de afastar Cuba do continente, mantendo-a isolada” (Folha de S. Paulo, 20/08/1961).

O ministro cubano encerrou a entrevista criticando o discurso do Secretário do Tesouro norte-americano, Douglas Dillon, e denunciando, novamente, a Aliança para o Progresso como uma medida imperialista que não resolverá os problemas da América Latina. Após almoçou com o prefeito de Brasília, Paulo Tarso, e às 15h decolou rumo a Trinidad para, a partir de então, seguir a viagem de retorno a Cuba, onde, na entrevista concedida ao programa de TV cubano sobre a Conferência de Punta del Este, novamente, afirmou que atuação decidida do Brasil “*impidió que se tomara otro tipo de*

acuerdos que podrían haber sido lesivos para la delegación cubana”(GUEVARA, 2006. P. 73).

Sobre o encontro que teve com o presidente Jânio Quadros, Che Guevara resumiu-o da seguinte forma:

Quadros ya ha anunciado los resultados de esa conversación, donde hizo más que reafirmar la posición del Brasil de decidido apoyo a Cuba, de apoyo a la autodeterminación de los pueblos. Hablamos algo de la misión económica que está en este momento en Cuba, y de la decisión del gobierno brasileño de llegar a un acuerdo rápido para iniciar nuestro comercio que todavía no ha empezado. Y en testimonio de afecto a nuestro gobierno, no se puede decir ni siquiera afecto personal, sino al gobierno cubano, nos dio la más alta condecoración brasileña (GUEVARA, 2006. P. 93).

Ao longo da entrevista, várias foram às referências positivas feitas pelo ministro cubano ao governo brasileiro, ao presidente Jânio Quadros e a posição do Brasil em Punta del Este. Este fato induz ao entendimento de que as conversações entre os representantes cubanos e brasileiros, tanto na cidade uruguaia como em Brasília, tiveram significativo impacto positivo no governo de Cuba, em especial no que diz respeito às promissoras relações entre a ilha caribenha e o Brasil que estes encontros pareciam ter concretizado.

Se em Cuba as repercussões da condecoração de Ernesto Che Guevara pelo governo brasileiro foram positivas, no Brasil, conforme já referido, causou uma forte crise política. No próprio dia da cerimônia os oficiais do Batalhão da Guarda se insubordinaram negando-se a formar as tropas para o evento, porém, a intervenção dos oficiais superiores acabaria por fazê-los mudarem de idéia.¹⁸ Esta era apenas uma amostra do que o presidente Jânio Quadros iria enfrentar.

No mesmo dia, o governador da Guanabara Carlos Lacerda, uma das principais figuras do liberalismo conservador e das tentativas anteriores de golpe contra os presidentes Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek¹⁹, que fora a Brasília, criou um incidente sobre o desvio das suas bagagens e uma suposta negativa do presidente em recebê-lo. Esta seria mais uma das suas tentativas de desestabilizar Jânio Quadros, que contou com o seu apoio nas eleições de 1960 e que por isso não admitira nem a sua

reviravolta política, tampouco, o seu afastamento da tutela udeenista, que o desnortearam de tal forma que passou a considerá-lo um traidor.

Conforme Skidmore, “Lacerda tentou colocar o presidente em descrédito perante a classe média e os militares” desde julho de 1961, quando a sua ruptura com o governo federal se definiu, ao que a Condecoração de Che Guevara lhe serviu de munição, principalmente para alimentar o sentimento anticomunista crescente nestes dois grupos sociais.²⁰ A maioria dos ataques ao presidente Jânio Quadros concentravam-se na sua política externa independente, que Lacerda procurava identificar como “uma posição nacionalista geralmente associada aos populistas de esquerda” (SKIDMORE, 1982. P. 247-248).

A campanha contra o governo brasileiro parecia estar dando certo, pois, em repúdio a Condecoração do líder revolucionário, muitos oficiais superiores das Forças Armadas devolveram comendas que lhes haviam sido conferidas pelo presidente.²¹ A saída encontrada pelo presidente Jânio Quadros para a crise foi submeter em 25 de agosto de 1961 a sua renúncia ao Congresso Nacional como uma forma de tentar se fortalecer no poder. O que acabou não acontecendo.

Assim, diferentemente do que acontecera na Argentina, onde a tentativa de derrubada do presidente Frondizi ficara apenas na tentativa, no Brasil, a crise política desencadeada pela passagem amistosa de Ernesto Che Guevara, desencadeou a queda do presidente Jânio Quadros. Fato significativo para entender como a “os problemas de política externa independente tinham invadido a política interna” (SKIDMORE, 1982. P. 248).

Considerações finais

A passagem de Ernesto Che Guevara pelo Brasil e pela Argentina demonstrou o que Pierre Milza afirma sobre a ausência de “separação estanque entre o interior e o exterior” (MILZA, 2003. P. 370). Tais visitas tiveram impacto significativo nos conflitos da luta de classes estabelecida na política interna destes países. Um exemplo notável deste impacto foi o fato de, no Brasil, o governador Carlos Lacerda, em

represália a condecoração do ministro cubano, ter entregado as chaves da cidade do Rio de Janeiro ao líder contra-revolucionário cubano Manuel Antonio Varola.²²

A polarização era marca do processo político vivenciado pelos governos Jânio Quadros e Arturo Frondizi. No caso do governo argentino, a proposta do *desarrollismo* frondizista enfrentava abertamente esta polarização, sendo atacada a direita pelo *gorilismo* e a esquerda pelo peronismo.²³ No caso brasileiro, o presidente Jânio Quadros, mesmo sendo eleito com apoio da direita UDN e estando aplicando uma política econômica conservadora, ao adotar uma política externa que se opunha ao alinhamento automático com os EUA despertou a desconfiança destes mesmos setores. As visitas de Ernesto Che Guevara a Argentina e ao Brasil aguçaram esta polarização, levando a crises institucionais profundas. Tal fato demonstra que cada vez que era discutida ou que acontecesse algum evento que tivesse alguma relação com a Revolução Cubana, aprofundava-se a dimensão da própria luta de classes nos países latino-americanos, mergulhados na Guerra Fria.

Assim, as posições tomadas em relação à questão cubana pelos governos Jânio Quadros e Arturo Frondizi a partir dos princípios de suas políticas externas independentes, eram interpretadas pelos setores conservadores como um posicionamento esquerdista diante da Guerra Fria. Tal clima era de uma radicalização tão profunda que nem mesmo a pragmática medida de ruptura das relações com Cuba tomada pelo governo Frondizi em 8 de fevereiro de 1962, serviu para evitar o golpe que o derrubou em 29 de março de 1962. Tal clima se agravaria por toda a década 1960 e abriria caminho para os chamados Golpes Preventivos que fecharam um ciclo importante da história da América Latina.

Referências Bibliográficas

BOTEGA, Leonardo da Rocha. *Brasil, Argentina e a Questão Cubana (1959-1964): quando a independência faz a união*. Dissertação de Mestrado. Santa Maria-RS: MILA-UFSM, 2009.

_____. A experiência do desarrollismo de Arturo Frondizi na Argentina (1958-1962). In: DI MARCO, Luis Eugênio & ILHA, Adair da Silva (Org.). *Los Planes Esperanza del Humanismo Económico: el continente indoamericano, una expresión solidaria, un testimonio histórico*. Tomo I. Santa Maria-RS/Córdoba-ARG.: FACOS-UFSM/Ediciones CIEC, 2010.

CASTAÑEDA, Jorge. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

COGGIOLA, Osvaldo (org). *Revolução Cubana: história e problemas atuais*. São Paulo: Xamã, 1998.

FRONDIZI, Arturo. *Mensajes Presidenciales: 1958-1962*. Tomo 2: 1 Enero 1959-31 Diciembre 1959. Buenos Aires: Centro de Estudios Nacionales, 1979.

GÓMEZ, Albino. *Arturo Frondizi: el último estadista. La vigencia de un proyecto de desarrollo*. Buenos Aires: Ediciones Lumieri, 2004.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e organização da cultura*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GUEVARA, Ernesto Che. *Punta del Este: Proyecto alternativo de desarrollo para América Latina*. 2ª edición. La Habana: Ocean Sur, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS. Encontro entre os presidentes do Brasil e da Argentina. In: *Revista Brasileira de Política Internacional*, ano 4, n. 14. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, julho de 1961.

JÂNIO condecora Che Guevara. *Folha de S. Paulo*, 20/08/1961.

MILZA, Pierre. Política interna e política externa. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o período vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Fapesp/Perspectiva, 2002.

PANELLA, Claudio. Recuerdos de la entrevista entre Arturo Frondizi y el Che Guevara. *Hoy*. La Plata-Arg: 09/07/2006.

SADER, Emir. *Cuba: um socialismo em construção*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio a Castelo Branco, 1930-1964*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

TAVARES, Flávio. *O Che Guevara que conheci e retratei*. Porto Alegre: RBS Publicações, 2007.

NOTAS:

A afirmação do caráter socialista da Revolução Cubana ocorreu em abril de 1961, quando as ações de agressão contra Cuba por parte dos EUA evoluíram significativamente, sobretudo com o bombardeio ao aeroporto de Santiago de Cuba e o episódio da Baía dos Porcos. Ver: SADER, 2001. COGGIOLA, 1998.

² Sobre o cotidiano da presença de Ernesto Che Guevara em Punta Del Este ver: TAVARES, 2007.

³ Sobre a aproximação entre as políticas externas independentes de Brasil e Argentina e a questão cubana ver: BOTEAGA, Leonardo da Rocha. *Brasil, Argentina e a Questão Cubana* (1959-1964): quando a independência faz a união. Dissertação de Mestrado. Santa Maria-RS: MILA-UFSM, 2009.

⁴ Sobre o encontro de Uruguiana ver: INSTITUTO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS, julho de 1961.

⁵ Arturo Frondizi assumiu a presidência da Argentina em 1º de maio de 1958, acompanhou, portanto, desde o início as hostilidades entre o governo revolucionário cubano e o governo norte-americano de Dwight Eisenhower. Tais hostilidades iniciaram com a oposição dos EUA ao Programa de Reforma Agrária Cubano, lançado em 17 de maio de 1959. A Reforma Agrária cubana atingia diretamente os interesses econômicos dos norte-americanos. O presidente Jânio Quadros, por sua vez, assumiu o governo brasileiro em 31 de janeiro de 1961. Em 16 de abril de 1961, Fidel Castro declararia o caráter socialista da Revolução Cubana.

⁶ Jorge Castañeda tem outra versão para a proposta do encontro. Segundo o autor a iniciativa teria partido do lado cubano. Conforme o autor:

“(…) Tudo começou quando um diplomata argentino transmitiu um típico desafio guevarista ao assessor norte-americano: ‘O Che percebeu que o senhor gosta de charutos. Ele aposta que não se atreve a fumar autênticos havanas de Cuba’. Goodwin respondeu que fumaria com o maior prazer, mas já não havia deles nos Estados Unidos. Naquela noite foram entregues em seu quarto duas magníficas caixas de mogno repletas dos mais finos havanas, uma para ele, o outro com o selo da República de Cuba para o presidente Kennedy. Vinham acompanhadas de um cartão do comandante Ernesto Guevara. No dia seguinte o norte-americano recebeu uma mensagem do Che, dizendo que desejava falar com ele” (CASTAÑEDA, 2006. P. 270).

⁷ Conforme Albino Gómez, a idéia de trazer Che Guevara pra conversar com o presidente Frondizi foi do deputado Carnet, membro da Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados. Ver: GÓMEZ, 2004. P. 125.

⁸ *Gorilas* era como eram chamados os militares de extrema-direita que buscavam desestabilizar o governo Frondizi.

⁹ Entre as versões para a conversa entre Frondizi e Che Guevara, optamos pela de Albino Gómez, assessor do presidente argentino que estava na residência de Olivos na manhã de 18 de agosto de 1961, e que, mesmo não tendo participado da conversa, foi o responsável por fazer o memorando que constitui a única versão oficial da conversa. Assim, em que pese à ligação de Gómez com os interesses do governo argentino, o fato de a sua versão coincidir em sua essência com outros escritos sobre a reunião, como os de Panella (2006), Moniz Bandeira (1998) e Castañeda (2006) que pesquisaram em diferentes fontes sobre o evento, o que a torna a mais próxima da possível “verdade” em relação ao fato. Ver: GÓMEZ, 2004. P. 124-125.

¹⁰ Rogério Frigelio foi, junto com Arturo Frondizi, um dos grandes expoentes do Programa Desarrollista, que visava à industrialização argentina a partir do planejamento estatal e da atração de capitais estrangeiros. Teve participação fundamental na eleição de Frondizi, conduzindo inclusive o pacto com o Perón que garantiu os votos necessários para a vitória. No governo ocupou o cargo de Secretario de Assuntos Econômicos e Sociais Secretario até agosto de 1959, quando teve que renunciar devido a pressão dos *gorilas*, que o viam como um protocomunista. A partir de então ocupou o cargo de assessor da presidência. Porém, a renúncia foi algo meramente formal, pois, informalmente Frigerio continuaria a ser a figura mais influente do governo, sendo responsável pela chamada USINA, como fora denominada sua equipe por constituir-se na fonte de toda a energia, de todas as idéias e de todas as estratégias do governo.

¹¹ Aqui se trata meramente de uma hipótese levantada por este trabalho, cuja condição de afirmá-la necessitaria um estudo mais aprofundado.

¹² Sobre a reunião dos chefes das forças armadas argentinas ver: GÓMEZ, 2004. P. 126.

¹³ Sobre entrevista coletiva dada por Ernesto Che Guevara em sua visita ao Brasil ver a reportagem: JÂNIO condecora Che Guevara. *Folha de S. Paulo*, 20/08/1961.

¹⁴ Sobre a reunião de Frondizi com a USINA ver: GÓMEZ, 2004. P. 134.

¹⁵ Sobre os contatos que o embaixador norte-americano, Roy Rubottom, estava estabelecendo com o general Toranzo Montero e os outros conspiradores ver: GÓMEZ, 2004. P.134-135.

¹⁶ Aqui usamos o conceito de intelectual orgânico na sua acepção gramsciana, qual seja, a de intelectuais ligados a um determinado projeto político que cumprem a função de responsáveis pela produção do consenso na sociedade em relação a este. Ver: GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e organização da cultura*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

¹⁷ As referências a condecoração de Ernesto Che Guevara pelo presidente Jânio Quadros constam na reportagem já citada do jornal *Folha de S. Paulo*, 20/08/1961. Ver: *Folha de S. Paulo*, 20/08/1961.

¹⁸ Ver a reportagem da *Folha de S. Paulo* de 20/08/1961.

¹⁹ O golpe contra o presidente Getúlio Vargas fora impedido pelo seu suicídio em 24 de agosto de 1954. Em novembro de 1955, novamente as forças conservadoras tentaram um novo golpe para impedir a posse do presidente eleito Juscelino Kubitschek. Esta nova tentativa fora impedida pela mobilização de setores do exército pelo general nacionalista Henrique Teixeira Lott. Sobre estas tentativas de golpe ver: FERREIRA, Jorge. *Crises da República: 1954,*

1955 e 1961. In: FERREIRA, Jorge & NEVES, Lucília de Almeida (Org.). *O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática*. Volume 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

²⁰ Motta (2002) definiu o início do “Segundo Grande Surto Anticomunista” no Brasil no ano de 1961, quando tanto a propaganda anticomunista, como as organizações anticomunistas, ganharam uma maior dimensão.

²¹ Sobre os atos dos militares contra a condecoração de Che Guevara ver: MONIZ BANDEIRA, 1998. P. 328.

²² Sobre o ato do governador Carlos Lacerda em contraposição a visita de Che Guevara ao Brasil ver: MONIZ BANDEIRA, 1998. P. 328.

²³ Sobre a polarização enfrentada pelo presidente Arturo Frondizi ao longo de todo o seu governo ver: BOTEGA, Leonardo da Rocha. A experiência do desarrollismo de Arturo Frondizi na Argentina (1958-1962). In: DI MARCO, Luis Eugênio & ILHA, Adair da Silva (Org.). *Los Planes Esperanza del Humanismo Económico: el continente indoamericano, una expresión solidaria, un testimonio histórico*. Tomo I. Santa Maria-RS/Córdoba-ARG.: FACOS-UFSM/Ediciones CIEC, 2010.